



## **Palavras que dançam: reflexões sobre a Comunicação Biocêntrica**

Andrea Zattar

*Diretora da Escola de Biodanza do Rio de Janeiro - RJ*

Dalila Zotti

*Diretora da Escola de Biodanza de Florianópolis - SC*

“Quem não planta jardim por dentro,  
não planta jardins por fora  
e nem passeia por eles.”  
(Rubem Alves)

Não é de hoje que o interesse humano se volta para a comunicação e a linguagem em nossa espécie, tentando desvendar sua origem e compreender a importância e complexidade destas em nossa história.

Muitos teóricos apontam que foi a capacidade humana de criar símbolos, e compreender o que nossos companheiros desejavam comunicar, que possibilitaram a coordenação de ações coletivas grandiosas, garantindo nossa sobrevivência ao longo do tempo.

Outro aspecto importante, para alguns cientistas, é que esse desenvolvimento se deu graças à nossa capacidade de criarmos vínculos, de cooperarmos, de nos protegermos mutuamente. Somos seres relacionais... desejamos o encontro, desejamos compreender e sermos compreendidos.

De acordo com Harari, a Revolução Cognitiva tem data aproximada de setenta mil anos atrás, quando nossos antepassados, mesmo sem nenhuma habilidade extraordinária do ponto de vista da sobrevivência, começaram a se destacar e a se sobrepôr às outras tribos, que acabaram extintas, bem como a dominar outras espécies. Especialistas apontam que o desenvolvimento da linguagem foi fundamental para nossa sobrevivência.

Claro que a comunicação não é uma exclusividade humana, atualmente encontramos estudos de que até as árvores se comunicam, mas nada se compara à linguagem humana.

Harari chama a atenção ao fato de que nossa linguagem se diferencia de outros espécimes, por possuir



uma série limitada de sons e sinais, mas que produzem uma série infinita de frases, e ainda, que cada uma delas possuem muitos significados, garantindo produzir, armazenar, consumir e comunicar um incrível número de informações a respeito do mundo.

Uma outra teoria sugere que a singularidade da linguagem humana, para além da troca de informações sobre o meio, evoluiu ao percebermos a importância de compartilharmos informações uns sobre os outros, instituindo, segundo eles, a fofoca como veículo informativo. Compreendia-se, ao fofocar, em quem confiar ou não.

Para além dessas duas teorias, o autor chama nossa atenção para um fato ainda mais singular no humano, nossa capacidade de criar informações sobre o que não existe ainda, imaginar coisas e criá-las. Até onde sabemos, só os humanos possuem a linguagem ficcional (coletiva), sendo capazes de criar deuses, mitos, religiões, etc...

Segundo Piaget o ser humano em seu desenvolvimento vai passando por estágios onde a criança vai de um pensamento concreto, onde objetos e situações acontecem ou aconteceram concretamente para um pensamento abstrato, onde não é necessário a presença do dito objeto ou situação.

Nossa história como espécie segue esta mesma trajetória.

Passamos da pura observação dos fenômenos para a criação de sinais do que não era possível enxergar, como uma pedra diferenciada ao lado de uma determinada planta que marcava o local onde havia água no subsolo.

Nossa linguagem, se torna pois, um derivado deste pensamento narrando o tangível e o intangível.

Se nos primórdios nos detinhamos em poucas vocalizações que explicavam os fenômenos existentes com a evolução passamos não só a explicar o inexistente como criar histórias a respeito.

De uma perspectiva biológica, Maturana é outro autor que nos inspira reflexões, apontando um entrelaçamento de razão e emoção no viver cotidiano de nossa espécie. Segundo ele, todo sistema racional tem um fundamento emocional, sendo que o peculiar no humano não é a manipulação de instrumentos, mas a natureza afetiva, e aponta que o desenvolvimento da nossa forma de comunicar e a nossa linguagem está intimamente ligada ao se emocionar, afirma também que a emoção fundante



da linguagem é o amor.

Essa afirmação nasce de suas observações dos sistemas vivos, e das características dadas pelo modo de vida destes, das relações variáveis entre o organismo e o meio. Em nossa espécie as ações de compartilhar alimentos, o prazer da convivência e o encontro recorrente geraram coordenações consensuais de ações que constituíram a linguagem humana.

Destaca ainda, que “não há ação humana sem uma emoção que [...] a torne possível como ato”, e que “o amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência [...]” (MATURANA, 2005, p.23).

Para Maturana (2005) a aceitação do outro leva a conduta de respeito, e a capacidade de nos vincularmos, de aceitarmos o outro na convivência e que estas condutas criam as condições iniciais do social, somos seres de relação e desejamos compartilhar ou seja, comunicar.

Rolando se aproxima dessa teoria, quando propõe o resgate e valorização dos instintos e das emoções como fundamentais para a nossa integração, e aponta a importância do instinto gregário para a nossa espécie, fomentando o cooperar, e abrindo espaço para transformarmos emoções em sentimentos, trazendo a capacidade de vinculação, como eixo que possibilitou nosso existir e evoluir ao longo da história.

Ao reconhecer a importância do tema, a Comunicação Biocêntrica vem contribuir propondo utilizarmos uma de nossas mais potentes formas de expressão, a palavra, para ampliarmos nossa rede afetiva e melhorarmos o compartilhar criando caminhos de amor e não barreiras intransponíveis.



## Referências

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens - Uma breve história da humanidade**. 19ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**; tradução: José Fernando C. Fontes. 4ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento na Criança**; tradução: Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959, 307 p.

